

GÊNERO E DIVISÃO DO TRABALHO DE TRADUÇÃO: O CASO DA POESIA TRADUZIDA NO BRASIL

GENDER AND THE DIVISION OF TRANSLATION LABOR: THE CASE OF TRANSLATED POETRY IN BRAZIL

GÉNERO Y DIVISIÓN DEL TRABAJO DE TRADUCCIÓN: EL CASO DE LA POESÍA TRADUCIDA EN BRASIL



Maria Teresa MHEREB
Doutoranda
Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Programa de Letras Estrangeira e Tradução (LETRA)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
<http://lattes.cnpq.br/9269481463571421>
<https://orcid.org/0000-0001-7458-8829>
teresamhereb@gmail.com

1

Resumo: Embora as mulheres componham a maior parte da força de trabalho no mercado de trabalho de tradução no Brasil, sua mão de obra não é empregada na mesma proporção na tradução dos diferentes gêneros textuais e idiomas. A partir de um estudo feito por amostragem sobre a poesia traduzida publicada por editoras nacionais com expressiva rede de produção e distribuição, argumento neste artigo que, no contexto editorial em questão, é possível estabelecer relações entre gênero de quem traduz e gênero textual, assim como entre gênero de quem traduz e idioma traduzido, relações essas que se assentam sobre uma hierarquia masculina ancorada na divisão sexual do trabalho. A mesma coleta de dados permitiu obter informações sobre o gênero e continente de origem das autoras e autores traduzidos, possibilitando reflexões acerca da divisão do trabalho de escrita com base no gênero e da direcionalidade dos fluxos de tradução.

Palavras-chave: Sociologia da tradução. Estudos Feministas da Tradução. Divisão sexual do trabalho. Poesia traduzida. Feminismos.

Abstract: Although women make up most of the workforce employed in the translation market in Brazil, their labor is not employed in the same proportion when the translation of different textual genres and languages are concerned. Based on a study by sampling on translated poetry published by national publishers with an expressive production and circulation network, in this paper I argue that, in such editorial context, it is possible to establish relationships between the gender of translators and textual genres, as well as between the gender of translators and translated languages; relationships that are based on a male hierarchy anchored in the sexual division of labor. The same data set provided information about the genre and continent of origin of the translated authors, enabling reflections both on the division of writing work based on gender and the directionality of translation flows.

Keywords: Sociology of Translation. Feminist Translation Studies. Sexual Division of Labor; Translated Poetry; Feminisms.

Resumen: Aunque las mujeres constituyan la mayor parte de la fuerza de trabajo empleada en el mercado laboral de la traducción en Brasil, su mano de obra no está empleada en la misma proporción en la traducción de los



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

distintos géneros textuales e idiomas. A partir de un estudio por muestreo sobre la poesía traducida publicada por editoriales nacionales con una red expresiva de producción y circulación argumento en este artículo que, en dicho contexto editorial, es posible establecer relaciones entre el género de la persona que traduce y el género textual, así como entre el género de la persona que traduce y el idioma traducido, relaciones que se asientan en una jerarquía masculina anclada en la división sexual del trabajo. La misma recolecta de datos permitió obtener informaciones sobre el género y continente de origen de las autoras y autores traducidos, posibilitando reflexiones sobre la división del trabajo de escritura con base en el género y la direccionalidad de los flujos de traducción.

Palabras clave: Sociología de la traducción. Estudios Feministas de Traducción. División sexual del trabajo. Poesía traducida. Feminismos.

Introdução

As mulheres compõem hoje a maior parte da força de trabalho empregada na tradução no Brasil. Essa afirmação, que pode ser constatada a partir da experiência cotidiana de tradutoras e tradutores, pode ser verificada objetivamente com uma consulta aos bancos de pessoas associadas a três das principais entidades brasileiras representativas de profissionais, pesquisadoras/es e estudantes da tradução.¹ No primeiro semestre de 2021, 71,6% das pessoas filiadas ao Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA) eram mulheres,² porcentagem muito próxima à verificada junto à Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES), que era de 71,5% de mulheres.³ No caso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT), a proporção de mulheres era ainda maior, correspondendo à 77,75% de suas/seus associadas/os.⁴

No entanto, nesse mercado de trabalho altamente feminizado (com isso me refiro à ampla presença das tradutoras), é possível localizar, do ponto de vista do gênero, uma distribuição interna assimétrica do trabalho. A partir de um estudo de caso, o da poesia traduzida publicada por editoras nacionais com expressiva rede de produção e distribuição, argumento que, nesse contexto editorial, é possível estabelecer relações entre gênero de quem traduz e gênero textual, assim como entre gênero de quem traduz e idioma traduzido, relações estas que se assentam sobre uma hierarquia masculina, que, por sua vez, está ancorada na divisão sexual do trabalho.⁵

A mesma metodologia empregada para coletar dados sobre a divisão do trabalho de tradução de poesia junto às editoras estudadas permitiu obter também informações sobre o gênero e continente de origem das autoras e autores traduzidos, possibilitando reflexões acerca da divisão do trabalho de escrita com base no gênero e da direccionalidade dos fluxos de tradução desse gênero textual. Abordo a predominância do sentido centro-periferias, ou Norte-Sul, como fenômeno conectado ao da hierarquia masculina pelo sistema político-econômico vigente.

A Pesquisa com Poesia Traduzida

O recorte temporal da pesquisa cobre o período do ano 2000 ao de 2019 e, como amostra, foi estudado um grupo de doze editoras nacionais com importante rede de produção e distribuição/circulação de obras literárias traduzidas. São elas: Ateliê, Cia das Letras, Cosac Naify⁶, Editora 34, Hedra, Iluminuras, L&PM, Nova Aguilar, Nova Fronteira, Perspectiva, Record e Rocco.⁷ Trata-se, portanto, de um conjunto de editoras com destacado poder de influência sobre a configuração do polissistema literário nacional, gozando de história (visto que estão no mercado há pelo menos vinte anos) e *status* consolidados. É fundamental destacar também que se trata de um setor da patronagem cuja manutenção depende da obtenção de lucros.⁸

Com esta pesquisa feita por amostragem foram obtidos dados relativos a: a) gênero de quem traduz; b) gênero de quem escreve; c) país de origem de quem escreve; e d) língua de partida das autoras e autores publicados.⁹ Esses dados foram cruzados entre si e observados de diferentes ângulos. Para a designação do gênero de autoras/es e tradutoras/es, o primeiro nome foi a fonte primária, comparada, em alguns casos, com consultas a páginas da internet. Uma carga arbitrária da pesquisadora nessa designação não pode ser desconsiderada, visto que não foi feita com base na autodeclaração. Na medida em que a designação se deu em um binarismo de gênero, ela deve ser rediscutida em outras pesquisas, com o emprego de outras metodologias que permitam a autodeclaração de gênero por parte de autoras/es e tradutoras/es.¹⁰

3

Alguns Pressupostos Teóricos

Em qualquer que seja o contexto editorial, as escolhas de pessoas e de obras não se dão de forma aleatória. Trata-se não apenas de decisões (inter)subjetivas, mas também políticas, ideológicas e econômicas, fundadas em visões de mundo que amparam projetos editoriais (mais ou menos) consolidados.

Sociologia dos Agentes

Na introdução a *Constructing a Sociology of Translation*, obra que reúne artigos sociológicos sobre tradução editada por Michaela Wolf e Alexandra Fukari, Wolf escreve que “[t]oda tradução, como ato ou como produto, está necessariamente inserida em contextos sociais”¹¹ (2007, p. 1, tradução minha). O entendimento da tradução como prática social, que orientou inúmeros trabalhos no campo dos Estudos da Tradução a partir da chamada “virada cultural” nos anos 90 e, especialmente, da denominada “virada sociológica” nos anos 2000,

está na base das distintas abordagens sociológicas da tradução, cujo enfoque pode estar no processo (sociologia do processo), no produto (sociologia do produto) ou nos sujeitos (sociologia dos agentes), sendo este último o caso deste artigo.

Como conceito sociológico, “agente” designa uma entidade dotada de agência, ou seja, nas palavras de Hélène Buzelin, “[d]a capacidade de exercer poder com determinado fim e de maneira intencional”¹² (2011, p. 2, tradução minha). Na definição de Paul Bandia e John Milton (2009), agente da tradução é qualquer entidade envolvida em um processo de troca cultural por meio da tradução, podendo ser uma pessoa, instituição ou suporte material. Neste artigo, estes dois grupos de agentes são considerados: indivíduos, sendo tradutoras e tradutores de obras poéticas, e instituições, que correspondem aqui a uma amostra de editoras nacionais que publicam obras literárias estrangeiras.

Se indivíduos e instituições são capazes de exercer poder sobre o processo tradutório, existe, contudo, um desnível de poder entre os dois grupos. Como aponta Wolf (2006, 2007), as instituições determinam significativamente a seleção, a produção (incluindo as estratégias tradutórias adotadas por tradutoras/es) e a distribuição de traduções. Como traduções se fazem com tradutoras/es, é preciso considerar também que as instituições atuam fortemente na seleção não apenas das traduções em si, mas das pessoas que traduzem, e que, por vezes, seus interesses podem ser mesmo antagônicos aos dessas/es agentes.

4 Pensemos no mercado editorial. É possível, por exemplo, que um.a tradutor.a proponha determinado projeto de tradução a uma editora de sua escolha, que esse projeto seja aceito por ela e que a/o tradutor.a proponente seja contratada/o para executar o trabalho. A tendência, contudo, é que isso ocorra no contexto de editoras menores e mais jovens, mais abertas para novos projetos e profissionais. No caso de grandes editoras, com projetos editoriais e corpo profissional já estabelecidos, a possibilidade de tomar iniciativas bem-sucedidas de proposição de obras e de ser contratada/o para o trabalho é reservada especialmente a tradutoras/es ligadas/os à academia (professoras/es universitários, pesquisadoras/es pós-graduadas/os) ou a tradutoras/es e escritoras/es de renome (Kalinowski, 2002). Ainda assim, na maior parte das vezes, mesmo nesse setor editorial, tradutoras/es têm “reduzida autonomia de escolha” [*faible autonomie de choix*] (Heinich, 1984, p. 267) sobre o que vão traduzir e publicar. De forma geral, tradutoras e tradutores são escolhidas/os mais do que escolhem, e o aceite ou recusa de uma oferta recebida pode ser motivada por diferentes fatores, entre os quais os ideológicos e os econômicos. Nem sempre, no entanto, tradutoras/es possuem os meios para recusar uma

proposta de trabalho (Kalinowski, 2002), notadamente pelo fato de que essa recusa pode acarretar a perda de potenciais ofertas no futuro.

Direcionalidade dos Fluxos de Tradução

Do ponto de vista comercial e do balanço das contas, a escolha de obras que serão traduzidas e publicadas é, via de regra, orientada por um requisito básico: o de não encalhar nos estoques. Para que uma editora possa cobrir seus custos de produção e mão de obra, é preciso que as obras que publica sejam vendidas para um público leitor.¹³ A projeção desse público leitor orienta o projeto gráfico do livro, o volume da tiragem e, na medida em que constitui o escopo da tradução, também as estratégias tradutórias adotadas.

Uma editora que vise a uma produção e distribuição de médio ou grande porte (como é o caso das editoras que integram este estudo) pode apostar em obras que não se encaixem exatamente nos padrões ideológicos e culturais de um público já consolidado ou potencial; para isso, é preciso ter a segurança do caixa coberta pela produção e distribuição de obras que aderem a esses padrões, ainda que não se trate dos hegemônicos.¹⁴ Em consequência, isso implica, em importante medida, reiterar cânones, cuja proporcionalidade de gênero é bem conhecida, mas também, no caso de obras estrangeiras, reiterar a direção do centro para as periferias do capitalismo, ou Norte-Sul, dos fluxos de tradução e, portanto, de conhecimento literário e epistemológico.

A importância das análises críticas e dos debates sobre as “viagens” que fazem os conhecimentos, especialmente os feministas, via tradução vem sendo enfatizada por Claudia de Lima Costa e Sonia Alvarez desde meados dos anos 2000. Propondo “considerar a tradução como política e teoricamente indispensável para forjar alianças políticas e epistemologias feministas em prol da justiça social, antirracistas, pós-coloniais e anti-imperialistas” (Costa & Alvarez, 2013, p. 580), as autoras destacam a relevância ainda maior da questão para as mulheres latino-americanas e de outras partes do chamado Sul Global. Para Olga Castro e María Laura Spoturno, autoras que, com as contribuições de Costa e Alvarez, vêm trabalhando na construção e difusão da transdisciplina que denominam Estudos Feministas Transnacionais da Tradução (*Tradutología Feminista Transnacional*), questionar a direção dos fluxos de tradução pelo globo é uma forma de “problematizar todo tipo de hegemonias na produção, circulação e recepção de conhecimentos”¹⁵ (Castro & Spoturno, 2020, p. 24, tradução minha).

Entendo que a problematização das relações de poder presentes nas assimetrias dos fluxos de tradução, bem como nas relações de gênero, deve ser radical. Com isso, me refiro a

buscar a “raiz” do problema, que não apenas está, mas que é o sistema político-econômico vigente. Por meio das divisões social, internacional e sexual do trabalho, as quais são estreitamente vinculadas umas às outras, o capitalismo patriarcal cria divisões colonizadoras (Mies, 2022) que subalternizam povos, línguas-culturas e sujeitos, divisões sem as quais não pode efetivar sua perpetuação.

Divisão Sexual do Trabalho

Para analisar o gênero da mão de obra tradutória empregada no contexto editorial, recorro ao conceito de divisão sexual do trabalho, que, em perspectivas teóricas materialistas, procura explicar a base das formas de organização social que dominam as mulheres e garantem as condições para a manutenção do patriarcado. Para essas perspectivas, a divisão sexual do trabalho é um importante *locus* da produção do gênero (embora não seja o único), pois nela e com ela se engendram as expectativas sobre as tarefas e responsabilidades que devem ser assumidas socialmente por mulheres e homens (Biroli, 2019).¹⁶

6

Para Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho possui dois princípios organizadores: a separação, segundo a qual homens e mulheres devem realizar trabalhos diferentes; e a hierarquia, que faz com que trabalhos realizados por homens sejam mais valorizados socialmente (e economicamente). Na divisão sexual do trabalho, as mulheres são as responsabilizadas pelo trabalho reprodutivo – conceito frequentemente utilizado por feministas de orientação marxista ou que se inserem em um debate crítico da conceituação de trabalho de Karl Marx. Por trabalho reprodutivo, entende-se todo tipo de trabalho voltado para a reprodução e manutenção da vida humana. Estão incluídas nele a geração de novos indivíduos, mas também tarefas como preparar os alimentos, limpar a casa, lavar as roupas, etc., e os cuidados necessários com crianças, pessoas idosas, adoecidas ou portadoras de deficiência. Embora a vida humana não possa ser (re)produzida nem mantida sem esse trabalho (aliás, nem mesmo o próprio capitalismo, na medida em que é o trabalho que produz a força de trabalho), ele é socialmente considerado secundário em relação ao chamado trabalho produtivo (gerador de mais-valia). Executado de forma gratuita ou mal remunerada, o trabalho reprodutivo – que, para Maria Mies (2022), é o trabalho produtivo e criativo por excelência – é invisibilizado (ver, entre outras, Davis, 2016; Federici, 2017, 2019) e reconhecido apenas em negativo, ou seja, quando deixa de ser cumprido.

No Brasil, a partir da década de 1970 e, especialmente, da década de 1980, a economia pública (aqui entendida em oposição à privada, ou doméstica) passou a absorver massivamente

a mão de obra de mulheres (Nogueira, 2004), inclusive em postos de trabalho intelectual, como é o caso do trabalho de tradução. Isso não alterou, muito embora, o quadro geral de menor valorização social e econômica de seu trabalho, uma vez que, permanecendo o sistema político-econômico sobre o qual se assenta a divisão sexual do trabalho, continuam valendo os princípios da separação e da hierarquia que a estruturam. Além do conhecido acúmulo de jornadas de trabalho decorrente desse processo, a mão de obra das mulheres é, ainda hoje, de modo geral, mais fortemente absorvida em setores de mais baixo valor social, mais mal remunerados e menos qualificados (Freitas, 2016).

Evidentemente, não é possível pensar o gênero fora de seu entrelaçamento com raça-
etnia e classe, além de outras variáveis, como nacionalidade. O fardo da divisão sexual (assim como da social e internacional) do trabalho não tem o mesmo peso para os diversos grupos de mulheres. Sendo assim, ao focar apenas o gênero, este artigo é uma tentativa, necessariamente provisória e incompleta, de alinhar uma análise com um único fio, apontando para a necessidade de desenvolvimentos subsequentes em direção à complexificação da trama que começa a tecer.

7

A Divisão Sexual do Trabalho e a Tradução

Em “*Gender and the metaphors of translation*” (1988), Lori Chamberlain “inaugurou a reflexão epistemológica feminista no campo da tradução”¹⁷ (Sánchez, 2015, p. 64, tradução minha) revelando a feminização da tradução por meio do estudo de suas representações metafóricas. Para isso, tomou como ponto de partida a oposição capitalista patriarcal entre trabalho produtivo e reprodutivo, “paradigma [que] descreve originalidade e criatividade em termos de paternidade e autoridade, relegando à figura feminina uma série de papéis secundários” (Chamberlain, 1998, p. 32–33). Seu interesse na oposição entre trabalho produtivo e reprodutivo está “especificamente no modo como é utilizada para estabelecer a distinção entre escrever e traduzir — isto é, marcando um termo como original e ‘masculino’ e o outro como derivado e ‘feminino’” (Chamberlain, 1998, p. 33). Metáforas como transposição, equivalência e fidelidade indicariam o caráter secundário, reprodutivo e feminizado da tradução, ainda mais evidenciado por outras metáforas, como a das “belas infieis”.

A imagem “bastante feminina” da tradução (Kalinowski, 2002) também foi discutida por Françoise Balibar (1991), que mostrou como representações da atividade tradutória evocam representações do trabalho doméstico: como tarefa humilde, escondida (ou, poderíamos dizer,

invisível)¹⁸ e secundária a uma primeira atividade criadora; como trabalho necessário para que outras pessoas possam se dedicar a atividades de maior prestígio social, mas, ainda assim, subalterno.

Trabalho reprodutivo e tradução se encontram ainda em sua existência negativa. Assim como o trabalho reprodutivo só é notado quando deixa de ser realizado, é em seus “erros” que a tradução emerge *como* tradução. Nos dois casos, é a falha que desvela o milagre da geração espontânea – da casa limpa, da comida pronta sobre a mesa, da criança que cresceu, do texto estrangeiro que agora está em nossa própria língua.

Como destaca Lola Sánchez (2015), o “estatuto subalterno da tradução” (tipicamente ocidental) permitiu que, entre os séculos XVII e XIX, ela fosse um espaço em que as mulheres podiam desenvolver sua atividade de escrita, constituindo-se, pouco a pouco, como um espaço de resistência. É interessante ter em mente, entretanto, que, ao longo da história, seu trabalho não foi aceito da mesma forma na tradução dos diferentes gêneros textuais e idiomas. Na verdade, ainda hoje, embora as mulheres componham a maior parte da força de trabalho empregada no mercado de trabalho de tradução, não só no Brasil, mas também em outros países,¹⁹ é possível localizar, ao menos no caso brasileiro, como tentarei mostrar a seguir, uma relação entre gênero de quem traduz e gênero textual ou idioma traduzido, em uma divisão assimétrica do trabalho de tradução.

Antes de passar à apresentação e análise dos dados coletados em minha pesquisa, vejamos brevemente três exemplos históricos que demonstram a incidência da divisão sexual do trabalho na divisão do trabalho de tradução.

Ao estudar o contexto tradutório da Grã-Bretanha no século XVIII, Mirella Argoni (2005) argumenta que o caráter secundário da tradução (em relação ao original) abriu para as mulheres a possibilidade de se inserir pelas margens no universo da produção textual, mais difícil de ser acessado pela via da autoria. Às mulheres, contudo, não estavam abertas quaisquer traduções, mas, de modo geral (com algumas exceções, de que a autora trata), as traduções de obras escritas em línguas modernas, em função de seu *status* inferior ao das línguas clássicas e das baixas remunerações que as acompanhavam.

No Brasil do século XIX, conforme mostram Luciana Carvalho Fonseca e Dennys Silva-Reis (2018), uma série de mulheres atuou como tradutora, exercendo importante papel na cultura nacional (fato pouco reconhecido nas historiografias da tradução no país). Em função da alta demanda, na época, por peças de teatro, arte popular cujo prestígio era menos elevado

do que o de outras, como a ópera ou a poesia, houve relativa aceitação de seu trabalho nessa área.

Na segunda metade do século XX e início do século XXI, apenas uma pequena parcela das obras de poesia traduzida publicadas no Brasil havia sido escrita ou traduzida por mulheres. É o que concluiu John Milton (2004) após analisar 135 obras poéticas em tradução publicadas por 32 editoras nacionais entre 1964 e 2004. O autor escreve que “apesar da predominância de mulheres nos cursos universitários de tradução e em outras áreas da tradução profissional, a poesia pertence ao domínio masculino, tanto em termos de quem escreve quanto de quem traduz”²⁰ (Milton, 2004, p. 179, tradução minha). O artigo de John Milton não tem como foco a problematização de questões de gênero, de modo que o autor não direciona seus esforços para discutir a afirmação resultante dos dados que coletou. É justamente o que me proponho fazer neste artigo.

Apresentação e Análise de Dados

Centremo-nos agora nas duas primeiras décadas brasileiras do século XXI. Nesta seção, que está dividida em três partes, apresento e discuto alguns dados sobre a divisão do trabalho com base no gênero no que diz respeito à autoria e à tradução e também sobre o continente de origem e idioma de partida das autoras e dos autores das obras poéticas traduzidas publicadas pela amostra de editoras de minha pesquisa.

9

Autoria

Foram catalogadas, nesta pesquisa, 115 obras. Conforme se vê na Tabela 1, a imensa maioria das obras poéticas estrangeiras publicadas pelas editoras da amostra foi escrita por homens. As mulheres assinam a autoria de apenas 14,8% delas.

Tabela 1 – Total de obras por gênero de quem as escreveu

	Total de obras	%
Escritas por mulheres	17	14,8%
Escritas por homens	98	85,2%
Escritas por mulheres e homens	0	0
Total de obras	115	

Elaboração: a autora

Esses números podem sugerir que escrever poesia é uma atividade praticada principalmente por homens. Existe, porém, uma distância entre *escrever* e *publicar*, e essa distância pode ser maior ou menor em função do gênero. Se é pouco objetivo aferir que mulheres escrevem menos obras poéticas do que homens, é possível afirmar que, por serem mulheres, elas enfrentam mais obstáculos para publicação. Isso, por sua vez, não significa uma facilidade universalizada de publicação por parte dos homens, já que mesmo esse grupo é atravessado por variáveis como nacionalidade, classe social e raça-etnia, que podem aumentar ou encurtar a distância entre escrita e publicação. Esses fatores, obviamente, incidem também sobre as mulheres, de modo que um enfoque neles pode demonstrar uma dificuldade ainda maior de publicação por parte de poetisas negras, indígenas e/ou de classes sociais menos favorecidas e países/nações de menor poder político-econômico.

Tradução

Passo agora aos dados relativos especificamente ao gênero das pessoas que traduziram as obras de poesia publicadas pelas editoras estudadas.

10

Os indicadores sobre a composição de gênero da categoria de profissionais da tradução obtidos a partir do estudo realizado junto a entidades representativas nacionais apontam, como vimos, para uma maioria expressiva de mulheres: cerca de três mulheres para um homem atuando no mercado como um todo. Ocorre, no entanto, que a presença das mulheres na tradução de obras poéticas no setor das editoras estudadas é inversamente proporcional a essa composição, contando com uma mulher para cada quatro homens tradutores de poesia.

Tabela 2 – Total de pessoas que traduziram as obras poéticas estudadas, por gênero

	Total	%
Total de tradutoras	16	19,8%
Total de tradutores	65	80,2%
Total de pessoas que traduzem	81	

Elaboração: a autora

A quantidade de obras traduzidas por mulheres (individualmente ou em parceria) também é muito menor do que a de obras traduzidas por homens, correspondendo a cerca de um terço.

Tabela 3 – Total de obras por gênero de quem as traduziu

	Total de obras	%
Traduzidas por mulheres	24	20,9%
Traduzidas por homens	86	74,8%
Traduzidas por mulheres e homens	5	4,3%
Total de obras	115	

Elaboração: a autora

É relevante observar também a tabela a seguir, que apresenta as pessoas que mais traduziram poesia no Brasil dentro de duas amostragens de editoras nacionais com recortes temporais distintos: de 1965 a 2004 e de 2000 a 2018. Os dados do primeiro recorte (Tabela 4, à esquerda) foram levantados por John Milton (2004), ao passo que os do segundo (Tabela 4, à direita) resultam de minha pesquisa.

Tabela 4 – Pessoas que mais publicaram suas traduções de poesia no Brasil

1965–2004			2000–2019	
	Tradutor.a	Nº de obras	Tradutor.a	Nº de obras
1	Paulo Visioli	12	Augusto de Campos	4
2	Augusto de Campos	11	Josely Vianna Baptista	4
3	Haroldo de Campos	7	Leonardo Fróes	4
4	Alberto Marscicano	5	Olga Savary	4
5	Décio Pignatari	4	Alberto Marscicano	3
6	Jorge Wanderley	4	Haroldo de Campos	3
7	Paulo Henriques Britto	4	João Moura Jr.	3
8	Péricles E. da Silva Ramos	4	Jorge Wanderley	3
9	José Paulo Paes	4	José Paulo Paes	3
10	Alípio Corrêa Franca	3	Rodrigo Garcia Lopes	3
11	Ivan Junqueira	3		

Elaboração: a autora

Dois aspectos chamam atenção na Tabela 4: a) em ambas as pesquisas, a tradução de poesia aparece como uma tarefa realizada principalmente por homens; b) em ambas, também, a ampla maioria de quem traduz poesia é poeta (as “exceções” são Paulo Visioli, professor universitário, e Alberto Marscicano, reconhecido principalmente como músico). No segundo recorte temporal, duas mulheres aparecem como importantes tradutoras, sendo ambas poetas.

Sustento a hipótese de que o entendimento socialmente aceito de que poesia deve ser traduzida por poetas, embora pareça à primeira vista ser descolado de questões de gênero, vincula-se à maioria de homens que assinam as traduções de poesia publicadas pelas editoras da amostra deste estudo. Longe da intenção de discutir a validade desse entendimento do ponto de vista de uma teoria da tradução ou de um método de avaliação do produto, interessa-me apenas, no contexto deste artigo, apontar de que modo ela se relaciona atualmente com a desvantagem das mulheres na tradução do gênero textual poesia. Ocorre que, se não é possível afirmar que há mais homens do que mulheres que escrevem poesia, verifica-se, historicamente, que a maioria das pessoas que *publica* sua própria poesia é homem (ver Milton, 2004), fechando-se uma espécie de causalidade viciosa: porque publicam mais sua própria poesia do que as mulheres, os homens são mais frequentemente reconhecidos como poetas e, nessa qualidade, terminam por publicar mais suas traduções desse gênero textual do que elas.

O predomínio de tradutores também pode ser explicado pela conexão de outros dois fatores. Primeiro, o elevado prestígio da poesia entre os gêneros literários, e também de sua tradução. Segundo, o fato de que a poesia não só concentra questões complexas ligadas à teoria e à prática da tradução, mas também coloca em xeque o próprio paradigma da tradução como (mera) reprodução. Desse modo, ao menos no setor editorial em questão neste artigo, setor que goza ele mesmo de prestígio no país, a tradução de poesia termina por ser identificada como tarefa preferencialmente não destinada às mulheres.

Assim, se a oposição entre produção e reprodução permite compreender as representações feminizadas da tradução, tanto no meio acadêmico quanto entre o senso comum, ela também parece fornecer uma chave de explicação para um processo que resulta na ampla presença das mulheres no mercado de trabalho contemporâneo da tradução de modo geral²¹ e, ao mesmo tempo, para a divisão assimétrica do trabalho (ainda) vigente no interior desse mercado.

Direcionalidade dos Fluxos de Tradução

Todas as obras catalogadas nesta pesquisa foram também observadas desde o ângulo do continente de origem de quem as escreveu. A maioria absoluta das obras de poesia traduzida publicadas pelas editoras da amostra foi escrita por pessoas cuja origem é europeia ou estadunidense: 83,7%. Em contrapartida, os números relativos à América Latina são baixíssimos, e são ainda menores para África, Ásia e Oceania.²²

Tabela 5 – Total de obras por continente de origem de quem escreveu as obras traduzidas estudadas

Gênero discursivo	Total de obras	Europa	América Anglo-saxônica	América Latina	Ásia	África	Oceania
	%						
Poesia	115	73	24 (EUA — todas)	13	4	1	0
		62,8%	20,9%	12%	3,4%	0,9%	0

Elaboração: a autora

Quando se consideram apenas as obras escritas por mulheres (Tabela 6, abaixo), a porcentagem de autoras com origem no centro do capitalismo, ou Norte Global, é igualmente impactante: 82,4%. Já a porcentagem de origem estadunidense é maior quando consideradas apenas as autoras do que quando o mesmo cálculo é feito sem distinção de gênero de quem as escreveu, ao passo que a porcentagem de autoras latino-americanas, asiáticas ou africanas se torna ainda menor.

Tabela 6 – Total de obras por continente de origem das mulheres que escreveram as obras traduzidas estudadas

Gênero discursivo	Total de obras	Europa	América Anglo-saxônica	América Latina	Ásia	África	Oceania
	%						
Poesia	17	7	7 (EUA — 6)	0	3	0	0
		41,2%	41,2% (EUA — 35,3% Canadá — 5,9%)	0%	17,6%	0%	0%

Elaboração: a autora

Como se pode verificar na Tabela 6, nenhuma obra de autora latino-americana, africana ou com origem na Oceania foi registrada. Isso não significa que as editoras nacionais estudadas não publiquem poetas com origem nessas regiões, já que se trata de resultados obtidos por pesquisa feita por amostragem, mas é possível dizer que elas as publicam em quantidade muito pouco expressiva.

Naturalmente, se observarmos os dados sobre a distribuição dos idiomas-fonte por gênero de quem traduziu (Tabela 7, abaixo), veremos que eles refletem os anteriores: o inglês é o idioma de partida da maior parte das obras. Chama a atenção, contudo, que o idioma mais traduzido pelas tradutoras não seja o inglês, mas o espanhol. Das 24 obras traduzidas por mulheres, 9 (37,5%) tiveram o espanhol como idioma de partida.

Tabela 7 – Total de obras por idioma e por gênero de quem traduziu as obras poéticas estudadas

Idioma de partida	Total de obras	Traduzidas por homens	Traduzidas por mulheres	Traduzidas por mulheres e homens
Inglês	35	31	4	0
Espanhol	23	12	9	2
Francês	18	13	3	2
Alemão	11	6	5	0
Italiano	6	6	0	0
Russo	5	3	1	1
Grego	4	4	0	0
Latim	3	3	0	0
Polonês	2	0	2	0
Japonês	2	2	0	0
Árabe	2	2	0	0
Romeno	1	1	0	0
Turco	1	1	0	0
Servo-croata	1	1	0	0
Hebraico	1	1	0	0
	115	82	24	5

Elaboração: a autora

Não acredito que seja casual que o idioma mais traduzido por tradutoras de poesia — que são em muito menor número do que os tradutores — seja o espanhol. Em seu artigo “Competência tradutória, línguas próximas e interferência” (2006), Heloísa Cintrão trata da “distância percebida” entre o português e o espanhol por falantes das duas línguas e assinala que, normalmente, essa percepção é a de uma “quase igualdade”, a qual conferiria à/ao falante de uma das duas línguas uma competência quase imediata na outra. Penso que a equivocada suposição de que se trata de um idioma que coloca poucos desafios à tradução possa explicar, ao menos em parte, por que as editoras estudadas, que preferem a contratação de mão de obra masculina para a tradução de poesia de modo geral, tendem, ao contratar tradutoras, a entregá-lhes obras poéticas cujo idioma-fonte é o espanhol. Ademais, apesar de ser também um idioma europeu, o espanhol é a língua mais falada na América Latina, de modo que seu prestígio no Brasil não é exatamente — ou não só — o de um idioma colonizador. Esses fatores se expressam de forma bastante objetiva também na forma de valor econômico. Não raro, a remuneração paga por lauda ou por palavra traduzida do espanhol para o português é inferior à oferecida para a tradução de outros idiomas-fonte latinos, como o francês ou o italiano, e

mesmo em relação ao inglês, que conta com número maior de profissionais atuantes no mercado (e também com maior demanda).²³

O pouco interesse (seja ele econômico, político, ideológico, seja de outra natureza) em publicar a produção poética latino-americana, assim como a africana e a asiática, por parte das editoras nacionais estudadas reitera a direção centro-periferia, ou Norte-Sul, nos fluxos tradutórios de poesia. Esse grupo de importantes editoras compartilha, desse modo, o papel de agentes de nossa subordinação cultural aos países do centro do capitalismo. Com essa afirmação, não quero dizer que autoras e autores europeus ou estadunidenses, por exemplo, não devam ser traduzidas/os, mas que a prática de priorização da publicação da produção literária do centro do capitalismo favorece não os encontros, mas os *desencontros* de mulheres de diferentes localidades que compartilham um contexto comum de experiência cotidiana e de luta contra o sistema político-econômico global que se vale de sua subalternização e de seu isolamento político e sociocultural para sua manutenção.

Conclusão

As mulheres constituem hoje a maior parte da força de trabalho empregada no mercado de trabalho brasileiro de tradução. No entanto, como mostra o caso da poesia, sua mão de obra não é empregada na mesma proporção na tradução dos diferentes gêneros textuais e idiomas.

Se a feminização do mercado de trabalho de tradução pode ser relacionada a uma natureza supostamente reprodutiva, não criativa e secundária da tradução, expressa em representações metafóricas empregadas tanto pelo senso comum quanto por estudiosos/as, a oposição patriarcal entre produção e reprodução parece determinar ainda uma divisão interna do trabalho nesse mercado. O estudo de caso da poesia traduzida publicada por editoras com importante rede de produção e distribuição/circulação de obras literárias e com reconhecido poder de influência sobre o polissistema literário nacional indica que é possível estabelecer uma relação entre gênero de quem traduz e gênero textual traduzido, assim como entre gênero de quem traduz e idioma traduzido. No setor editorial em questão, os dados coletados sugerem que, quanto maior o prestígio do gênero textual e do idioma a ser traduzido e quanto menos reprodutiva (ou quanto mais criativa/criadora e complexa) é socialmente considerada a tradução de um gênero textual (este é o caso da poesia), maior a tendência de que o trabalho seja destinado a um homem.

Ao observar os dados sobre continente de origem e idioma de partida das autoras e autores traduzidos, foi possível confirmar o largo predomínio da direção centro-periferia no

fluxo das traduções de poesia publicadas pelas editoras estudadas, predomínio que é ainda maior quando consideradas apenas as obras escritas por mulheres. É possível dizer, nesse sentido, que esse grupo de editoras não favorece, na poesia, os encontros de mulheres situadas na periferia do capitalismo.

É verdade que projetos editoriais são constituídos pelo contexto de recepção das obras que propõem publicar, mas também é verdade que os constituem. Como agentes da tradução e, portanto, da cultura, editoras têm o poder de colaborar com a estabilização, assim como com a renovação do sistema literário de que são parte ativa. Contudo, apostar a maior parte das fichas no setor de casas editoriais cujas políticas são pautadas significativamente no mercado não parece exatamente estratégico do ponto de vista de um feminismo anticapitalista.

O desenvolvimento e a ampliação do acesso aos meios de produção livreiros (computadores, *softwares*, gráficas), a redução dos custos de impressão e a construção de novas redes para circulação de obras (especialmente via internet e organização de feiras locais) permitem que, hoje, como temos visto por todo o país, novas/os agentes se infiltrem na dinâmica editorial de trocas e disputas políticas e culturais. Editoras fundadas por mulheres, com projetos editoriais que priorizam a publicação de obras escritas por mulheres e o emprego de mão de obra feminina nas diversas etapas do processo de produção editorial têm procurado dar a ouvir a voz de mulheres negras, indígenas, de pessoas LBGTQIA+ e do chamado Sul Global.

Livros são produto do trabalho humano e, como tal, são fruto de decisões políticas. Se sempre soubemos disso, temos agora maiores possibilidades de agir em nosso favor.

REFERÊNCIAS

Argoni, Mirella. (2005). A marginal(ized) perspective on translation history: women and translation in the eighteenth century. *Meta*, 50 (3), 817–830.

Association des Traducteurs Littéraires de France (ATLF). (2020). *La situation socio-économique des traducteurs littéraires*. <https://www.atlf.org/wp-content/uploads/2020/10/ENQUETE-SOCIO-ECONOMIQUE.pdf>.

Balibar, Françoise. (1991). ‘Traduire’, dit-elle... La traduction, une affaire de femmes? In G. Fraisse *et al.*, *L'exercice du savoir et la différence des sexes*. L'Harmattan.

Biroli, Flávia. (2019). *Gênero e desigualdades*. Boitempo.

Buzelin, Hélène. (2011). Agents of Translation. In *Handbook of Translation Studies*. John Benjamins. <https://benjamins.com/online/hts/articles/age1>

-
- Castro, Olga & Spoturno, María Laura. (2020). Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una tradutología feminista transnacional. *Mutatis Mutandis*, 13 (1), 11–44.
<https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/340988/20795805>
- Chamberlain, Lory. (1988). Gender and the Metaphorics of Translation. *Signs*, 13 (3), 454–472. <https://www.jstor.org/stable/3174168?origin=JSTOR-pdf&seq=1>
- Costa, Cláudia de Lima & Alvarez, Sonia. (2013). A circulação das teorias feministas e os desafios da tradução. *Estudos Feministas*, 21 (2), 579–586.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200009/25781>
- Cintrão, Heloísa Pezza. (2006) Competência tradutória, línguas próximas, interferência: efeitos hipnóticos em tradução direta. *Tradterm*, 12, 69–104.
- Davis, Angela. (2016). *Mulheres, raça e classe* (H. R. Candiani, Trad.). Boitempo.
- Federici, Silvia. (2017). *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax, Trans.). Elefante.
- Federici, Silvia. (2019). *O ponto zero da revolução. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* (Coletivo Sycorax, Trans.). Elefante.
- Fonseca, Luciana Carvalho & Silva-Reis, Dennys. (2018). Nineteenth century women translators in Brazil: from the novel to historiographical narrative. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, 34, 23–46.
<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/472>
- Freitas, Taís Viudes de. (2016). *A quem serve a disponibilidade das mulheres? Relações entre gênero, trabalho e família* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas].
- Heinich, Nathalie. (1984). Les traducteurs littéraires: l'art et la profession. *Revue Française de Sociologie*, 25 (2), 264–280.
- Hirata, Helena & Kergoat, Danièle. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37 (132), 595–609.
- Kalinowski, Isabelle. (2002). La vocation au travail de traduction. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 144, 47–54.
- Mies, Maria. (2022). *Patriarcado e acumulação em escala mundial. Mulheres na divisão internacional do trabalho* (Trad. Coletiva). Ema Livros/Editora Timo.
- Mhereb, Maria Teresa. (2021). Divisão sexual do trabalho e direcionalidade dos fluxos de tradução: o caso do romance traduzido no Brasil. In H. Amaral *et al.* (Eds.), *Tradução em relação: espaços de transformação*. Mercado de Letras.

-
- Milton, John. (2004). Translated poetry in Brasil – 1965–2004. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 12 (6), 173–193.
- Nogueira, Claudia Maria Franca Mazzei. (2004). *A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização*. Editores Associados.
- Saffioti, Heleieth. (2013). *A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade*. Expressão Popular.
- Sánchez, Lola. (2015). La traducción: un espacio de negociación, resistencia o ruptura de significados sociales de género. In L. Saletti-Cuesta, *Traslaciones en los estudios feministas*. Perséfone Ediciones Electrónicas.
- Ventosa, Carmen Francí. (2020). La feminización del ejercicio profesional de la traducción editorial: entre la precariedad y el entusiasmo. *Transfer*, 15 (1–2).
- Venuti, Lawrence. (2021). *A invisibilidade do tradutor* (L. Pellegrin, L. M. Villela, M. D. Esqueda, V. Biondo, Trans.). Editora Unesp.
- Wolf, Michaela. (2006). The Creation of a ‘Room of One’s Own’: Feminist Translators as Mediators between Cultures and Genders. In J. Santaemilia (Ed.), *Gender, Sex and Translation. The manipulation of identities*. Manchester: St. Jerome.
- Wolf, Michaela. (2007). The emergency of a sociology of translation. In M. Wolf & A. Fukari (Eds.), *Constructing a Sociology of Translation*. John Benjamins.

¹ A designação de gênero das pessoas associadas às entidades estudadas foi feita por mim, sendo, portanto, em grande medida, arbitrária.

² Dados levantados em consulta à página do SINTRA na internet (www.sintra.org.br) em 12/04/2021.

³ Dados levantados em consulta à página da ABRATES na internet (www.abrates.com.br) em 09/03/2021.

⁴ Dados levantados em consulta à página da ABRAPT na internet (www.ufrgs.br/abrapt — alocada no site da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS) em 04/06/2021 (referente ao biênio 2020–2021).

⁵ Em minha pesquisa de doutorado, a fim de realizar uma análise comparativa, apliquei, para o romance e a literatura infantil, a mesma metodologia de que resultaram os dados sobre poesia traduzida apresentados neste artigo. Os dados sobre divisão do trabalho de tradução de romance são apresentados e discutidos em meu artigo “Divisão sexual do trabalho e direcionalidade dos fluxos de tradução: o caso do romance traduzido no Brasil” (In Amaral *et al.*, 2021).

⁶ A editora Cosac Naify fechou suas portas em 2015.

⁷ Cia das Letras e Record são grupos editoriais que reúnem diversas editoras, ou selos editoriais. Alfabeta, Objetiva, Paralela, Seguinte e Suma fazem parte do Grupo Cia das Letras; Bertrand Brasil, Civilização Brasileira, José Olympio e Record integram o Grupo Record. Sob a denominação Cia das Letras e Record estão incluídos todos esses selos.

⁸ Esse apontamento não é tão óbvio quanto pode parecer. Há inúmeras editoras no mercado livreiro que não dependem da obtenção de lucros para seguir com seu funcionamento, ou que não têm o lucro como principal fonte de receita. Editoras podem ser financiadas ou receber investimentos de órgãos públicos ou privados, podem estar vinculadas a coletivos, organizações ou partidos políticos, por exemplo, assumindo o papel de órgão de imprensa. Podem ser também resultado do projeto de uma pessoa ou grupo de pessoas que, mesmo sem receber investimento externo, não depende financeiramente das vendas dos livros publicados, por qualquer que seja a razão, ou que tem na venda de livros a fonte de recursos necessários apenas para manter a editora em funcionamento, como é o caso de muitas pequenas em micro editoras.

⁹ Foram compiladas, nesta pesquisa, apenas as obras cuja descrição, nos catálogos *online*, permitia preencher todos esses campos. Em não localizando uma ou mais dessas informações, o título não pôde ser incluído em meu

banco de dados. Consultas para verificação de dados também foram feitas junto ao *site* poesiatraduzida.com.br, resultante de projeto de pós-doutorado de Marlova Assef, desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, sob a supervisão da Profa. Dra. Germana Henriques Pereira.

¹⁰ Para mitigar esse problema de primeira ordem, apliquei, também no âmbito de minha pesquisa de doutorado, um questionário sociológico junto a mais de duas centenas de tradutoras e tradutores profissionais de textos escritos. Este questionário permitiu não apenas a autodeclaração de gênero, como também de classe social e raça-etnia. A apresentação e análises desses dados será feita em outra ocasião.

¹¹ “*Any translation, as both an enactment and a product, is necessarily embedded within social contexts.*”

¹² “*It designates an entity endowed with agency, which is the ability to exert power in an intentional way.*”

¹³ É claro que há casos em que autoras/es arcam com todos os custos de produção de um livro, ficando com toda a tiragem, porém são casos minoritários.

¹⁴ No mercado editorial, há nichos bastante lucrativos que não se enquadram nos padrões ideológicos e culturais hegemônicos. Existem editoras muito bem sucedidas, dentro e fora do Brasil, cujos catálogos contam, por exemplo, com obras da tradição marxista, comunista, socialista, anarquista, etc. Um caso emblemático no Brasil é o da Boitempo Editorial, que é hoje umas das principais editoras de pensamentos de esquerda na América Latina.

¹⁵ “[...] *examinar la direccionalidad de los flujos de traducción como forma de problematizar todo tipo de hegemonías en la producción, circulación y recepción de conocimientos.*”

¹⁶ Classe social e raça-etnia (além de outras variáveis, como nacionalidade) também se entrelaçam na divisão capitalista do trabalho baseada no gênero, de modo que esta não incide da mesma forma sobre todos os grupos de mulheres. Gênero, raça-etnia e classe constituem, conforme a socióloga brasileira Heleieth Saffioti (2013), o nó das “três contradições sociais básicas” que sustentam a manutenção do sistema capitalista. Neste artigo, raça-etnia e classe social não entram em jogo, devido à metodologia empregada para coleta de dados. Trata-se, contudo, de elementos ao quais dedico especial atenção em minha pesquisa e cujas análises apresentarei em outras oportunidades.

¹⁷ “*Un trabajo importante de revisión, que inauguró la reflexión epistemológica feminista en el campo de la traducción, fue el de la estadounidense Lori Chamberlain [...]*”.

¹⁸ Para uma discussão sobre a questão da invisibilidade de quem traduz e da tradução, ver Venuti, 2021.

¹⁹ Por exemplo, ao consultar a página da *Asociación Argentina de Traductores e Intérpretes* (AATI), entre 10 e 16 de fevereiro de 2022, identifiquei que 85,4% de suas/seus filiadas/os são mulheres. Na França, a *Association des Traducteurs Littéraires de France* (ATLF) constatou que, em 2020, 79,5% de suas/seus associadas/os eram mulheres (ATLF, 2020). Na Espanha, no mesmo ano, o *Libro Blanco de la Traducción* (publicado pela *Asociación Colegial de Traductores*) apontou que 52,1% das pessoas atuantes na tradução editorial no país eram mulheres (Ventosa, 2020).

²⁰ “*Despite the female dominance of university translation courses, and certain other areas of the translation profession, poetry is something of a male domain, both in terms of poets translated and of translators.*”

²¹ Em outra ocasião, discutirei mais a fundo esse fenômeno, que, em minha interpretação, também se vincula à informalidade, precariedade e flexibilidade (no sentido neoliberal) das relações trabalhistas a que está submetida a categoria de profissionais de tradução no Brasil.

²² Em se tratando de uma pesquisa feita por amostragem, não se pode afirmar que as editoras estudadas não publicam obras poéticas de autoras ou autores com origem em países da Oceania, mas é possível afirmar que esse percentual é muito reduzido.

²³ Não tenho conhecimento sobre pesquisas atuais que tenham contabilizado o número de profissionais da tradução em atividade no Brasil. A dificuldade em levantar esse número se dá em função de a profissão, embora reconhecida, não ser regulamentada no país, de não haver bancos de dados oficiais (estadual ou federal) e de muitas/os profissionais trabalharem de modo informal. Também desconheço pesquisas que tenham chegado a uma proporção de profissionais atuantes em diferentes pares linguísticos. Porém, uma consulta à página do SINTRA pode fornecer um parâmetro. No dia 23 de novembro de 2021, entre as pessoas filiadas ao Sindicato e tradutoras do par linguístico português-inglês, 297 trabalhavam na direção inglês-português e 254 na direção português-inglês. Para o par espanhol-português, havia, na mesma data, 148 tradutoras/es na direção espanhol-português e 87 na direção português-espanhol.